

CHURCHILL

Uma Vida

MARTIN GILBERT

CHURCHILL
Uma Vida

Tradução de
VERNÁCULO, GABINETE DE TRADUÇÃO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

Para Natalie, David e Joshua

NOTA DO AUTOR À SEGUNDA EDIÇÃO INGLESA

Um ano depois da publicação deste livro em 1991, saiu uma versão resumida que inevitavelmente transmite menos nas suas páginas do que o retrato mais completo que eu tentei apresentar nesta nova edição, que permitirá aos leitores percorrer mais em pormenor de uma ponta à outra a carreira de Churchill, os seus pensamentos, as suas aspirações e as suas ações.

Martin Gilbert
7 de janeiro de 2000

PREFÁCIO

É meu objetivo dar nestas páginas um retrato completo e perfeito da vida de Churchill, tanto no seu aspeto pessoal como político. A sua carreira tem sido tema de inúmeros livros e ensaios, nos quais ele tem sido por vezes julgado com cavalheirismo, por outras com severidade. Procurei fazer uma apreciação equilibrada, baseada nos seus verdadeiros pensamentos, ações, realizações e convicções, em contraste com as muitas ideias erradas que existem.

O registo da vida de Churchill é particularmente completo, pelo que subsiste uma enorme quantidade de material contemporâneo. É por isso possível apresentar, para quase todos os incidentes em que esteve envolvido, as suas próprias palavras e argumentos, aquilo que pensava, as suas verdadeiras intenções e as suas exatas ações.

A minha pesquisa começou em outubro de 1962, quando comecei a trabalhar como assistente da equipa de investigação de Randolph Churchill, um ano depois de o pai lhe ter pedido que se encarregasse de escrever uma biografia em vários volumes e editar documentos de apoio. Por altura da sua morte, em 1968, Randolph Churchill tinha escrito a história do seu pai até à eclosão da guerra em 1914. Pediram-me que continuasse o seu trabalho. O volume final da minha autoria, o oitavo da série, terminava com a morte de Churchill, aos noventa anos de idade.

A biografia oficial, tal como se tornou conhecida, apresenta em pormenor a história de Churchill baseada em cinco fontes principais, às quais eu próprio recorri para este relato num só volume; destas fontes retirei muito material novo, particularmente para os primeiros anos de Churchill, até à Primeira Guerra Mundial.

A primeira destas fontes é o enorme arquivo pessoal de Churchill de correspondência política, ministerial, literária e pessoal, atualmente no Churchill College, Cambridge, que contém correspondência privada e pública que abrange a totalidade dos seus noventa anos.

A segunda fonte são os documentos da sua mulher, Clementine, incluindo as muitas centenas de cartas que o marido lhe escreveu desde a altura do seu casamento, em 1908, até aos seus últimos anos. Esta fonte está sob custódia da filha de Churchill, Lady Soames, e dá um retrato notável de todos os aspetos da personalidade de Churchill.

A terceira fonte é o arquivo governamental dos dois mandatos de Churchill como primeiro-ministro e do seu trabalho ministerial oficial, que começou em dezembro de 1905 e continuou até à sua retirada da vida pública, em abril de 1955. Este arquivo, que se encontra no Public Record Office em Kew, contém todas as discussões do Gabinete de Guerra e dos chefes de Estado-Maior na Segunda Guerra Mundial, assim como os documentos dos seus onze ministérios durante estes anos e do Conselho de Guerra, para o qual trabalhou em 1914 e 1915.

A quarta fonte são os arquivos privados, alguns deles substanciais, outros incompletos, dos seus amigos, colegas e opositores; daqueles que estiveram em contacto com ele em diferentes épocas ao longo da sua vida. Estes materiais encontram-se em muitos arquivos, bibliotecas e coleções privadas, na Grã-Bretanha e no estrangeiro. Mostram a impressão que causava nos seus contemporâneos: o que diziam, entre eles, acerca dele; como alguns o detestavam, e como outros, desde os seus primeiros anos, o viam como uma pessoa de qualidades excepcionais e como futuro primeiro-ministro.

A quinta fonte, que eu próprio elaborei durante trinta anos, é constituída pelas recordações pessoais da família de Churchill, dos seus amigos e dos seus contemporâneos. Estas recordações vêm de pessoas de todas as condições sociais, entre outras, de pilotos que o ensinaram a voar antes da Primeira Guerra Mundial e oficiais e homens que estiveram com ele na Frente Ocidental em 1916. Tive a sorte de encontrar, e de vir a conhecer, os seus assistentes literários dos anos anteriores e posteriores à guerra, incluindo Maurice Ashley, Sir William Deakin e Denis Kelly; os seus secretários particulares, entre eles, Sir Herbert Creedy, que esteve com ele em 1919, e membros do seu gabinete privado da Segunda Guerra Mundial, incluindo Sir John Martin, Sir John Peck e Sir John Colville; e também Anthony Montague Browne, que esteve com ele de 1953 a 1965.

Como biógrafo de Churchill, tive a sorte de o poder ver da perspectiva das suas secretárias, entre elas, Kathleen Mill, que começou a trabalhar com ele em 1936, Elizabeth Layton e Marian Holmes, que trabalharam com ele durante a Segunda Guerra Mundial, e Elizabeth Gilliatt, Lady Onslow, Jane Portal e Doreen Pugh, que estiveram com ele nos seus últimos anos. Grande parte da vida de Churchill foi passada em Chartwell; Grace Hamblin, que ali trabalhou desde 1932, foi a minha guia para esses anos.

Vários milhões de palavras extraídas destas cinco fontes estão editadas e anotadas nos volumes de documentos publicados (e ainda a publicar) para cada um dos volumes da biografia em vários tomos.

Resolvi fornecer material suficiente neste volume para que os leitores possam julgar por si próprios as ações e as capacidades de Churchill durante a sua notável e longa carreira. Foi uma carreira frequentemente marcada pela controvérsia e perseguida pelo antagonismo, porque ele foi sempre direto e independente, e expressou

os seus pontos de vista sem falsidades, criticando aqueles que ele julgava estarem errados com um poderoso arsenal de conhecimento e com uma linguagem viva, hábil e penetrante.

O envolvimento de Churchill na vida pública abarcou mais de cinquenta anos. Ocupou oito postos de Gabinete antes de se tornar primeiro-ministro. Quando resignou o seu segundo mandato como primeiro-ministro, em 1955, tinha sido membro do Parlamento durante cinquenta e cinco anos. O leque das suas atividades e experiências foi extraordinário. Foi elevado à categoria de oficial durante o reinado da rainha Vitória, e tomou parte na carga de cavalaria em Omdurman. Esteve intimamente envolvido nos primeiros desenvolvimentos da aviação, tendo aprendido a voar antes da Primeira Guerra Mundial e tendo criado o Real Serviço Aeronaval. Esteve intimamente envolvido no desenvolvimento dos tanques. Foi pioneiro no desenvolvimento da defesa antiaérea e na evolução da guerra aérea. Previu a construção de armas de destruição maciça e, no seu último discurso no Parlamento propôs a existência da bomba de hidrogénio, e do seu poder de intimidação, como base para o desarmamento mundial.

Desde os seus primeiros anos, Churchill teve uma extraordinária compreensão e visão do futuro desenvolvimento dos acontecimentos. Tinha uma forte confiança na sua própria capacidade para contribuir para a sobrevivência da civilização e para a melhoria do bem-estar material da humanidade. O seu treino militar e a sua natural inventiva deram-lhe uma grande perspicácia em relação à natureza da guerra e da sociedade. Era também um homem cuja coragem pessoal, quer fosse nos campos de batalha do Império na viragem do século, na Frente Ocidental em 1916, ou em Atenas em 1944, se combinava com um profundo conhecimento dos horrores da guerra e da devastação da batalha.

Tanto nos seus anos de liberal como de conservador, Churchill foi um radical; um verdadeiro crente na necessidade de o Estado tomar parte ativa, tanto por meio da legislação como financeiramente, na garantia de padrões mínimos de vida, trabalho e bem-estar social para todos os cidadãos. Entre as áreas de reforma social em que ele teve um importante papel, incluindo a criação de muitas leis, incluem-se a reforma das prisões, os seguros de desemprego, as pensões do Estado para viúvas e órfãos, um mecanismo de arbitragem para as disputas laborais, a assistência do Estado para os que procuravam emprego, menos horas de trabalho e melhores condições nas fábricas e oficinas. Foi também adepto do Serviço Nacional de Saúde, de um acesso à educação mais alargado, da tributação dos lucros extraordinários e de uma comparticipação dos empregados nos lucros. No seu primeiro discurso público, em 1897, três anos antes de entrar no Parlamento, anteviu o dia em que o trabalhador se tornaria «um acionista da empresa em que trabalha».

Em épocas de dificuldades nacionais, Churchill foi um persistente defensor da conciliação, e até da coligação; evitava os caminhos da divisão e do confronto desnecessário. Nos assuntos internacionais procurava consistentemente determinar as razões de queixa dos que tinham sido derrotados e a construção de associações significativas para a reconciliação de antigos inimigos. Depois de duas guerras mundiais,

agiu em favor da manutenção do apoio dos vencedores, de modo a reparar as injustiças sofridas pelos vencidos, e assim preservar a paz. Foi o primeiro a usar a palavra «cimeira» para designar um encontro entre os chefes do mundo ocidental e do mundo comunista, e fez tudo o que pôde para realizar estes encontros para pôr termo às perigosas confrontações da Guerra Fria. Entre os acordos que negociou, com paciência e compreensão, incluem-se os convénios constitucionais na África do Sul e na Irlanda, e o esquema de pagamento das dívidas de guerra após a Primeira Guerra Mundial.

Comentador perspicaz e judicioso dos acontecimentos que tinham lugar em seu redor, Churchill foi sempre um defensor de linhas de ação audazes e intrépidas. Um dos seus maiores dons, presente em milhares de discursos públicos e ouvido nos seus muitos discursos transmitidos por rádio, era a sua habilidade para usar um excepcional domínio das palavras e o amor pela língua, para transmitir argumentos pormenorizados e verdades essenciais; para informar, convencer, inspirar. Era um homem de grande humor e entusiasmo e de grande generosidade; apresentou-se durante toda a vida, e de forma consistente, como um liberal; consistente na sua maneira de ver; um homem muitas vezes chamado por sucessivos primeiros-ministros devido à sua habilidade como conciliador. A sua aversão pela injustiça, pela vitimização e pela fanfarronice — tanto no seu país como no estrangeiro — era a pedra angular de muito do seu pensamento.

O trabalho público de Churchill tocou todos os aspetos da política britânica interna e externa, desde a luta por reformas sociais antes da Primeira Guerra Mundial até às diligências para uma cimeira após a Segunda. Este trabalho envolveu as relações britânicas com a França, a Alemanha, os Estados Unidos e a União Soviética, todas nas suas épocas mais difíceis. O seu melhor momento foi a liderança da Grã-Bretanha quando ela estava mais isolada, mais ameaçada e mais fraca; quando a sua própria coragem, determinação e fé na democracia estavam em uníssono com a nação.

Martin Gilbert,
Merton College,
Oxford

23 de janeiro de 1991

AGRADECIMENTOS

Estou grato a todos aqueles que, durante os últimos trinta anos, me confiaram as suas recordações de Churchill. Os que são citados neste livro foram generosos tanto com o seu tempo como com as suas memórias. Gostaria de agradecer a Valentin Berezhkov, Harold J. Bourne, Sir John Colville, Ivon Courtney, Sir William Deakin, Sir Donald MacDougall, Robert Fox, Eve Gibson, Elizabeth Gilliatt, Grace Hamblin, Pamela Harriman, Kathleen Hill, Marian Holmes, Patrick Kinna, Elizabeth Layton, James Lees-Milne, brigadeiro Maurice Lush, John J. McCloy, Jock McDavid, Malcolm MacDonald, visconde Margesson, Sir John Martin, Trevor Martin, Anthony Montague Browne, marechal de campo visconde Montgomery of Alamein, Sir John Peck, capitão Sir Richard Pim, Doreen Pugh e Lady Williams of Evel (Jane Portal).

Os meus mais sinceros agradecimentos, quer pelos conhecimentos quer pelo material que me forneceram durante vários anos, vão para os filhos de Churchill: Lady Sarah Audley, Lady Soamos e Randolph Churchill, o meu predecessor como biógrafo.

A juntar aos que me ajudaram com recordações, agradeço a todos os que responderam aos meus questionários históricos para este tomo, ou que me forneceram material documental extra. Os meus agradecimentos por esta ajuda vão para Patricia Ackerman, arquivista do Churchill College Archives Centre; J. Albrecht, Ligue Suisse pour la Protection de la Nature; Larry Arnn, Claremont Institute for the Study of Statesmanship and Political Philosophy; Jeanne Berkeley; Alan S. Baxendale; Dr. David Butler; Juhan Challis; Robert Craig; Henry E. Crooks; Michael Diamond; Dr. Michael Dunnill; Felicity Dwyer, investigadora, *Daily Express*; Nicholas P. Eadon; Linda Greenlick, bibliotecária-chefe, *Jewish Chronicle*; Irene Morrison, Scottish Tourist Board; David Parry, departamento de Fotografia, Imperial War Museum; Gordon Ramsey; Andrew Roberts; James Rusbridger; Matthew Spalding; Ken Stone, Metropolitan Police Historical Museum; Jonathan de Souza; Lorde Taylor of Hadfield; professor Vladimir Trukhanovsky; Sr.^a M. E. Vinnal, diretora de pessoal e administração, *Evening Standard*; Frank Whelan, investigador, *Sunday Call-Chronicle*; e Benedict K. Zobrist, diretor, Harry S. Truman Librar, Independente, Missouri.

Estou também grato, pela utilização de material de Churchill nunca publicado, à British Library Manuscript Collections, à Leiloeira Christie's, à Hollinger Corporation, a A. Rosenthal, a Chas W. Sawyer, a John R. Smethurst, ao Arquivo do *The Times*, ao Arquivo de Blenheim Palace e à National Trust Collection.

Pelos direitos de reprodução das fotografias, gostaria de agradecer à World Wide Photos Inc (número 5); à Radio Times Hulton Picture Library (números 6, 12, 21, 30, 63, 64, 72, 73, 74, 75, 88 e 136); à Odhams Press (9); a J. Bowers, Pretoria (11); ao Arquivo Bettman (14); a Longmans Green (16); a Syndication International, divisão de Fotografia, *Daily Mirror* (24, 25, 57, 60 e 81); ao *Die Woche* (28); a Elliot and Fry (29); a The Press Association (33, 36, 40, 55, 56, 77 e 129); ao *Daily Sketch* (37); ao *Tatler* (38 e 83); à London News Agency Photo (41, 58); ao major-general Sir Edmund Hakewill-Smith (43); ao Imperial War Museum (44, 45, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 104, 112, 113, 118, 121, 122, 123, 126 e 127); ao The Trustees of the Low Estate (49 e 89); à Central Press Photos, Ltd (53); a G. M. Georgoulas (51); à Keystone Press (59, 90, 94, 102, 128, 130 e 140); à The Tropical Press Agency Ltd (61); à Times Newspapers Ltd (62); à Associated Press Ltd (65, 68, 70 e 84) a Stefan Lorant (71); à Fox Photos (76 e 85); ao *Daily Express* (79); ao *Punch* (80); a H. Roger Viollet (87); à United Press Internacional (95, 106 e 141); a J. J. Moss (105); ao War Office Photograph, fotógrafo capitão Horton (114); a Thomas Dalby (116); à Viscount Montgomery Collection (117 e 125); a Donald Wiedenmayer (119); a Earl Alexander Collection (120, 132 e 133); a Signal Corps Photo (131); a Photo Haminger (134); a Life Photo, fotógrafo N. R. Farbman (135); a Emery Reves (142). As restantes fotografias são da Broadwater Collection no Churchill College, Cambridge.

Pela sua ajuda em examinar minuciosamente o texto e fazer importantes sugestões quanto ao seu conteúdo, estou exceccionalmente grato a Sir David Hunt, a Adam O'Riordan e a Edward Thomas; todos eles me auxiliaram com os seus vastos conhecimentos e com o seu espírito crítico. Helen Fraser, Laura Beadle, e muitos outros colaboradores de William Heinemann envolvidos na publicação deste livro, foram sempre prestáveis e encorajadores nas diversas, e por vezes difíceis, etapas da produção; as provas e a revisão foram habilmente feitas por Lisa Glass e Arthur Neuhauser; Rachelle Gryn auxiliou-me na descoberta de importantes factos; Kay Thomson desempenhou uma enorme quantidade de tarefas de secretariado.

Como em todos os meus anteriores trabalhos sobre Churchill, estou em dívida para com a minha mulher, Susie, pelo contributo em cada etapa e em cada página.

INFÂNCIA

Winston Churchill nasceu em 1874, em meados da era vitoriana. Em novembro desse ano, a sua mãe, Lady Randolph Churchill, então grávida de sete meses, tinha escorregado e caído quando participava numa partida de caça em Blenheim Palace. Poucos dias depois, quando viajava numa carruagem puxada por um pônei sobre terreno acidentado, começou o trabalho de parto. Foi rapidamente conduzida ao palácio, onde, às primeiras horas do dia 30 de novembro, o seu filho nasceu.

O magnífico palácio de Blenheim era a casa do avô do bebê, o 7.º duque de Marlborough. Pelo lado do pai, a criança pertencia à aristocracia britânica, descendente do primeiro conde Spencer e do distinto soldado John Churchill, 1.º duque de Marlborough, comandante da coligação de exércitos que tinha derrotado a França no início do século XVIII. Pelo lado da mãe, a sua ascendência era totalmente americana; o pai dela, Leonard Jerome, que então vivia em Nova Iorque, era um bem-sucedido corretor da bolsa, financeiro e proprietário de jornais. Um século antes, os seus antepassados tinham lutado nos exércitos de Washington pela independência das colónias americanas.

Quase um ano antes de Churchill nascer, Lorde Randolph Churchill tinha sido eleito para a Câmara dos Comuns como membro do Parlamento por Woodstock. Este pequeno município, de que Blenheim fazia parte, tinha pouco mais de um milhão de eleitores; desde há muito enviava membros da família ducal, ou os seus candidatos, para Westminster. Em janeiro de 1877, o avô de Churchill, o 7.º duque de Marlborough, foi nomeado vice-rei da Irlanda, tendo Lorde Randolph como seu secretário particular. Aos dois anos de idade, o pequeno Churchill viajou para Dublin com os pais e também com a ama, a Sr.^a Everest.

Quando Churchill tinha quatro anos, a Irlanda sofreu uma severa fome, devido à escassez de batata, e houve uma vaga de agitação nacionalista conduzida pelos Fenianos. «A minha ama, a Sr.^a Everest, andava nervosa por causa dos Fenianos», escreveu mais tarde. «Eu deduzi que eram pessoas malvadas e que não se podia saber o que aconteceria se fossem eles a mandar.» Um dia, quando Churchill estava a andar de burro, a Sr.^a Everest pensou ter visto um desfile de Fenianos a aproximar-se. «Tenho agora a certeza», escreveu mais tarde, «que devia ser a Rifle Brigade que

fazia uma marcha de estrada. Mas ficámos todos muito alarmados, especialmente o burro, que expressou a sua ansiedade dando coices. Fui atirado ao chão e sofri uma concussão no cérebro. Esta foi a minha primeira apresentação à política irlandesa!»

Além da ama, o rapaz teve também uma precetora enquanto esteve em Dublin. A sua tarefa era ensiná-lo a ler e a fazer contas. «Estas complicações», escreveu ele mais tarde, «lançavam uma sombra permanente na minha vida diária. Afastaram-me de todas as coisas interessantes que eu queria fazer no quarto dos brinquedos ou no jardim.» Ele recordava também que, embora a mãe não tomasse «parte nestas corveias», ela lhe dera a entender que as aprovava, e «tomava quase sempre o partido da precetora».

Cinquenta anos depois, Churchill escreveu sobre a mãe: «Para mim, era resplandecente como o planeta Vénus. Amei-a muito — mas à distância.» Foi junto da ama que encontrou o afeto que os pais não lhe proporcionavam. «A minha ama era a minha confidente», escreveu mais tarde. «A Sr.^a Everest tomava conta de mim e atendia a todas as minhas necessidades. Era com ela que eu desabafava quando alguma coisa me perturbava.»

Em fevereiro de 1880 nasceu Jack, o irmão de Churchill. «Lembro-me de o meu pai entrar no meu quarto em Viceregal Lodge, em Dublin, e de me dizer (eu tinha 5 anos) “tens um irmão”», recordou ele sessenta e cinco anos depois. Pouco depois do nascimento de Jack, a família regressou a Londres, para o n.º 29 de St. James’s Place. Aí, Churchill tomou conhecimento da doença terminal de Disraeli, o antigo primeiro-ministro conservador. «Tive sempre a certeza de que Lorde Beaconsfield iria morrer», escreveu ele mais tarde, «e finalmente chegou o dia em que todas as pessoas que eu vi estavam com umas caras muito tristes porque, como eles diziam, um grande e excelente homem de Estado, que amava o seu país e desafiara os Russos, tinha morrido com o coração despedaçado devido à ingratidão com que fora tratado pelos Radicais.» Benjamin Disraeli, 1.º conde de Beaconsfield, morreu quando Churchill tinha seis anos.

No Natal de 1881, pouco depois do seu sétimo aniversário, Churchill estava em Blenheim. Foi daí que foi escrita a primeira carta que dele se conserva, com a data do correio de 4 de janeiro de 1882. «Minha querida mamã», escreveu ele, «espero que esteja bem. Agradeço-lhe muito os bonitos presentes, os soldados, as bandeiras e o castelo, são tão bonitos, foi muito simpático da sua parte e da do papá, mando-lhe muitas saudades e muitos beijos do seu filho dedicado, Winston.» Nessa primavera, Churchill regressou a Blenheim, para aí passar dois meses. «É tão bom estar no campo», escreveu ele à mãe em abril. «Os jardins e o parque são muito mais bonitos para passear do que o Green Park ou o Hyde Park.» Mas tinha saudades dos pais e, quando a avó foi a Londres, ele escreveu ao pai: «Eu gostava de ter ido com ela e de lhe dar um beijo.»

Era a Sr.^a Everest quem tomava conta dos irmãos, em Blenheim. «Quando estávamos na sexta-feira perto da cascata», escreveu Churchill à mãe pouco tempo antes

da Páscoa, «vimos uma cobra a rastejar na relva. Eu quis matá-la, mas a Everest não me deixou.» Nessa Páscoa, a Sr.^a Everest levou os dois rapazes para a ilha de Wight, onde o seu cunhado era chefe de guardas prisionais na prisão de Parkhurst. Ficaram instalados na sua casa em Ventnor, sobranceira ao mar. De Ventnor, escreveu à mãe: «Fizemos um piquenique, fomos para Sandown, jantámos na praia e fomos ver os fortes e os canhões, em Sandown havia uns enormes canhões de 18 toneladas.»

Nesse outono, Churchill foi informado de que iria ser mandado para um internato. «Eu era», escreveu mais tarde, «aquilo a que as pessoas crescidas nos seus modos descontraídos chamavam “um rapaz problemático”. Parecia que eu iria ficar afastado de casa muitas semanas a fim de ter aulas sob a orientação de professores.» Ele não era, contudo, «problemático» para algumas pessoas; a irmã de Lady Randolph, Leonie, achava-o «cheio de graça e muito desenvolto» quando ele ficava com ela.

O internato era o St. George, perto de Ascot. Churchill foi enviado para lá quatro semanas antes do seu oitavo aniversário. O período já ia quase a meio; nessa primeira tarde, a mãe levou-o lá. Os dois tomaram chá com o reitor. «Eu estava preocupado», recordou ele quase cinquenta anos depois, «com medo de entornar a chávena e assim “começar mal”. Também me sentia muito infeliz com a ideia de ser deixado sozinho no meio de todos aqueles estranhos, naquele lugar grande, assustador e formidável.»

A infelicidade na escola começou logo nos primeiros dias. «Afinal», escreveu Churchill mais tarde, «eu só tinha sete anos e tinha sido muito feliz com todos os meus brinquedos. Eu tinha bonecos maravilhosos: uma máquina a vapor, uma lanterna mágica e uma coleção de soldados já com quase mil peças. Agora só iria ter aulas.» A severidade, e por vezes a brutalidade, faziam parte da vida em St. George. «Açoitar com a vara de acordo com o estilo de Eton», escreveu Churchill mais tarde, «era uma característica importante do currículo. Mas tenho a certeza de que nenhum rapaz de Eton, e certamente nenhum rapaz de Harrow do meu tempo» — Churchill esteve em Harrow de 1888 a 1892 — «recebeu alguma vez uma punição tão cruel como as que o reitor costumava infligir aos rapazinhos que estavam sob o seu cuidado e poder. Excediam em severidade tudo aquilo que seria tolerado em qualquer dos reformatórios que estavam sob a alçada do Ministério do Interior.»

Entre os rapazes que testemunharam estas punições estava Roger Fry. «A vergastada era dada com toda a força que o professor tinha», escreveu mais tarde, «e bastavam duas ou três vergastadas para que aparecessem gotas de sangue por toda a parte, e isto prolongava-se por 15 ou 20 vergastadas, quando o desgraçado traseiro do rapaz era uma massa de sangue.» O próprio Churchill recordou mais tarde como durante os castigos os restantes rapazes «ficavam sentados, a tremer, a ouvir os gritos.»

«Como eu odiei aquela escola», escreveu ele mais tarde, «e que vida angustiada eu vivi durante mais de dois anos. Fiz muito poucos progressos nas minhas lições, e nenhum nos jogos. Contava os dias e as horas para o fim de cada período, quando regressaria a casa, deixando esta detestável escravidão, e colocaria os soldados em linha de batalha no chão do quarto dos brinquedos.»

As primeiras férias de Churchill de St. George, depois de um mês e meio na escola, foram no Natal de 1882. Viviam agora noutra casa em Londres, no n.º 2 de Connaught Place, no lado norte de Hyde Park, onde os seus pais iriam viver durante os dez anos seguintes. «Quanto aos progressos do Winston», escreveu a mãe ao pai a 26 de dezembro, «lamento dizer, mas não vi nenhuns. Talvez ainda não tenha passado tempo suficiente. Lê muito bem, mas é tudo, e nos dois primeiros dias em que estive em casa, falava calão e muito alto. Estou totalmente desiludida. Mas lá disseram à Everest que no próximo período iriam ser mais severos com ele.» Lady Randolph disse também ao marido que o filho mais velho «arrelia o bebé mais do que nunca»; para evitar isto «vou controlá-lo». Acaba a referência ao filho de oito anos: «Parece que tem medo de mim.»

O primeiro boletim escolar de Churchill era medíocre. O seu lugar numa classe de onze rapazes era o décimo primeiro. Em Gramática podia ler-se «Começou bem», e em Empenho, «Tem boa vontade, mas deverá levar mais a sério o trabalho no próximo período»). O boletim termina com uma nota do reitor: «Diz sempre a verdade, mas é muito irrequieto em vários aspetos, presentemente — ainda não se habituou aos costumes da escola, mas dificilmente se poderia esperar isso.»

A ansiedade na escola andava de mãos dadas com uma saúde debilitada, o que era outra causa de preocupação para os seus pais. «Lamento que o pobre Winston não tenha andado bem», escreveu Lorde Randolph do Sul de França à sua mulher no dia de Ano Novo de 1883, «mas não te preocupes muito com o que se passa com ele. Parece que somos uma família enfermiça e que não pode passar sem os médicos.» Quatro dias depois volta a escrever: «Estou muito contente por saber que o Winny está outra vez bom. Dá-lhe um beijo por mim.» Para curar o que quer que fosse que o rapaz tinha, o médico aconselhou uma semana à beira-mar, em Herne Bay.

De regresso a St. George, Churchill pediu repetidas vezes, mas sem sucesso, que a mãe o fosse visitar. Antes de o período acabar, havia o dia dos desportos. «Por favor, deixe a Everest e o Jack virem ver as provas de atletismo», escreveu, «e venha também a mãe. Espero vê-la, assim como ao Jack e à Everest.» Lady Randolph não aceitou o convite do filho, mas ele teve uma consolação: «Minha querida mamã», escreveu-lhe ele quando terminou o dia dos desportos, «foi muito simpático da sua parte ter deixado a Everest vir cá. Penso que ela se divertiu muito», e acrescentou: «Só faltam 18 dias.»

No boletim escolar desse período, Churchill tinha elogios em História, Geografia, Tradução e Comportamento. Nas restantes matérias, o boletim era menos elogioso. Composição: «muito fraco»; Escrita: «bom — mas terrivelmente lento»; Ortografia: «quase o pior possível». Em Empenho estava escrito: «Não percebe muito bem o significado de trabalho árduo — tem de decidir-se a fazê-lo no próximo período.» Em dois grupos de que fazia parte, num era o nono em nove e noutra o décimo terceiro em treze.

Nesse verão, enquanto Churchill estava na escola, o avô, o 7.º duque de Marlborough, morreu. De luto pesado, Lorde Randolph procurou consolação viajando.

Como o próprio Churchill escreveria mais tarde, na biografia que fez do pai, «Lorde Randolph partiu rapidamente com a mulher e o filho para Gastein». A visita a uma das estâncias mais na moda do Império Austro-Húngaro foi a primeira visita de Churchill à Europa. No caminho, pai e filho passaram por Paris. «Atravessámos juntos a Place de la Concorde», contou ele aos cidadãos de Metz sessenta e três anos depois. «Sendo eu uma criança observadora, reparei que um dos monumentos estava coberto de coroas de flores e de fitas negras e imediatamente perguntei-lhe porquê. Ele respondeu: “São monumentos das Províncias de França. Duas delas, a Alsácia e a Lorena, foram tomadas aos Franceses pela Alemanha na última guerra. Os Franceses estão muito tristes por causa disso e esperam recuperá-las um dia.” Lembro-me bastante bem de ter pensado para comigo: “Espero que eles as recuperem.”»

Depois de regressar a St. George, a qualidade do trabalho de Churchill contrastava com o seu comportamento. «Começou bem o período», lê-se no seu boletim, «mas recentemente tem sido *muito* malcomportado! — de uma maneira geral, fez progressos.» Segundo o boletim do período seguinte, em História e Geografia foi «por vezes extremamente bom». O reitor comentou: «Está a começar a perceber, espero eu, que escola significa trabalho e disciplina», e acrescentou: «É bastante voraz às refeições.»

Em fevereiro de 1884, Lorde Randolph anunciou a sua intenção de se candidatar ao Parlamento por Birmingham, uma vez que Woodstock estava entre as centenas de círculos eleitorais familiares que iam ser abolidos. Indo para uma área esmagadoramente radical, ele pretendia mostrar que a «democracia *toy*» era mais do que um *slogan*. Em março, a mulher do reitor visitou as Midlands. «E ela ouviu dizer», escreveu Churchill à mãe, «que apostavam dois contra um que o papá ganharia a eleição por Birmingham.» Esta é a primeira carta de Churchill em que fala de política. No resto da carta descreve um passeio da escola: «No outro dia fomos todos a uma escavação na areia e jogámos um jogo muito excitante. Os lados tinham cerca de 8 metros de altura e houve uma grande luta, os que conseguiram sair primeiro lutavam ferozmente com os restantes.»

O boletim seguinte de Churchill mostrava que, embora ele fosse nitidamente inteligente, estava também extremamente infeliz. Em História e Geografia é «muito bom, especialmente em História». Mas o Comportamento era descrito como «extremamente mau. Não se pode confiar nele para fazer seja o que for», e os seus atrasos às aulas da manhã, vinte vezes num período de quarenta dias, era descrito como «vergonhoso». As páginas do boletim revelam o sofrimento de Churchill: «É uma constante preocupação para todos e está sempre a meter-se em complicações», e «não se espera dele que se comporte como deve ser em parte alguma.» Mas nem mesmo o reitor de St. George’s pôde deixar de notar que o rapaz de nove anos tinha «muito boas capacidades».

As cartas de Churchill para a mãe no período seguinte mostram como ele se sentia sozinho naquele mundo predominantemente hostil. «Foi muito cruel da sua parte», escreveu ele nos primeiros dias de junho, «não me ter escrito até agora, só recebi uma carta sua este período.» No período de verão, o seu trabalho escolar foi outra vez elogiado: a Gramática, Música e Francês teve «bom», a História e Geografia «muito bom». O Comportamento Geral era descrito como «melhor — mas ainda problemático.» O reitor comentou: «Não tem ambição — se verdadeiramente se esforçasse poderia ainda ser o primeiro no fim do período.»

Quando Churchill tinha nove anos e meio, o pai ofereceu-lhe a *Ilha do Tesouro*, de Robert Louis Stevenson. «Lembro-me do prazer que tive em devorá-lo», escreveu mais tarde. «Os meus professores consideravam-me ao mesmo tempo atrasado e precoce, a ler livros que não eram para a minha idade e no entanto a ser o último da classe. Ficaram ofendidos. Tinham largos recursos de compulsão à sua disposição, mas eu era teimoso.» O seu boletim escolar nesse verão também mostra que continuava a ter problemas de disciplina, comentando acerca de Empenho: «De uma maneira geral, razoável. Ocasionalmente, provoca grandes problemas.»

Que problemas eram esses, o boletim não diz, mas outro rapaz de St. George, Maurice Baring, que chegou à escola pouco depois de Churchill ter saído, escreveu nas suas memórias que Churchill tinha sido açoitado «por ter tirado açúcar da despensa e, longe de estar arrependido, tinha tirado o sagrado chapéu de palha do reitor do sítio onde estava pendurado, por cima da porta, e tinha-o desfeito com os pés». Esta provocação já se tinha tornado uma lenda.

Nesse outono, Churchill sofreu mais uma crise de doença. O médico da família Churchill, Robson Roose, que dava consultas em Londres e em Brighton, sugeriu que a sua saúde melhoraria se ele fosse para uma escola perto do mar; sugeriu a escola de Brighton, onde estudava o próprio filho. Roose ofereceu-se para manter o rapaz debaixo de olho. «Como agora era suposto eu ser uma criança muito delicada», recordou Churchill posteriormente, «acharam conveniente que eu estivesse sempre sob os seus cuidados.» O novo internato era dirigido pelas duas irmãs Thomson, nos n.º 29 e 39 de Brunswick Road, em Brighton. O período começou em setembro de 1884. «Estou muito feliz aqui», escreveu ele à mãe no fim de outubro. Dois dias depois escreveu novamente: «Fiz uma grande extravagância, comprei um álbum de filatelista e selos, por favor envie-me mais dinheiro.»

A 30 de novembro, Churchill celebrou o seu décimo aniversário. Três dias depois, o pai partiu para a Índia, onde ficou até março de 1885 e onde andou muito ocupado com os problemas do subcontinente; esperava ser nomeado ministro para a Índia se os Conservadores voltassem ao poder. A família foi-se despedir. «Eu gostaria muito de estar consigo nesse bonito navio», escreveu Churchill depois de ter regressado à escola. «Fomo-nos embora e comemos sopa no hotel depois de se ter ido embora, por isso não fizemos nada de fora do normal. Vimos o seu grande navio a vapor sair do porto quando íamos no comboio.»

Nesse inverno, a irmã de Lady Randolph, Clara, escreveu à avó americana do rapaz: «O Winston transformou-se num rapaz simpático e encantador.» Contudo,

a mãe recebeu da escola em meados de dezembro uma carta alarmante escrita por uma das irmãs Thomson, Charlotte. Ela tinha sido chamada para ver Churchill que, escreveu ela, «tinha um problema que poderia ter-se tornado muito grave». Charlotte Thomson explica: «Ele estava a trabalhar numas provas de desenho e parece que houve uma disputa entre ele e o rapaz que estava sentado ao seu lado, acerca de uma faca que o professor lhes tinha emprestado para o trabalho. Tudo se resolveu rapidamente, mas o Winston sofreu um golpe que lhe fez uma ligeira ferida no peito.»

O Dr. Roose assegurou à Menina Thomson que o rapaz «não está muito ferido, mas poderia estar». Esta não é a primeira vez, acrescenta a Menina Thomson, que recebe queixas do outro rapaz, que tem um temperamento arrebatado. Vão pedir aos pais que o retirem da escola. Escrevendo ao seu marido acerca da facada, Lady Randolph comentou bastante antipaticamente: «Não tenho dúvida alguma de que o Winston provocou terrivelmente o rapaz — e espero que isto seja uma lição para ele.» Churchill regressou a Londres para passar uns dias com o Dr. Roose. Foi então que Lady Randolph soube que o canivete com que o seu filho tinha sido golpeado «penetrara meio centímetro», mas ela escreveu numa carta a Lorde Randolph: «Evidentemente, como eu calculava, foi ele que começou puxando a orelha do outro rapaz.» «Que grande aventura que o Winston viveu», escreveu Lorde Randolph, de Bombaim, à sua mulher. «Foi uma grande bênção ele não ter ficado muito ferido.»

O primeiro período em Brighton terminou uma semana antes do Natal. Sem dúvida por causa da interrupção causada pelo incidente da facada, Churchill não teve tão bom desempenho, ficando em último da classe em Francês, Inglês e Matemática. O boletim nota, contudo, que ele demonstrou «uma nítida melhoria na atenção ao trabalho no final do período». Churchill escreveu mais tarde: «Esta escola era mais pequena do que aquela que eu deixara. Era também mais barata e menos pretensiosa. Mas havia um elemento de bondade e simpatia de que eu sentira profundamente a falta na minha experiência anterior.»

Churchill passou as férias de Natal de 1884 em Londres. A mãe achou muito difícil lidar com ele. «Irei ter cá o Jack antes do Natal», escreveu à sua irmã Clara pouco antes das férias, «pois não consigo dominar o Winston sem a Everest — receio que nem ela consiga.» Churchill regressou a Brighton no dia 20 de janeiro de 1885, e escreveu à mãe no dia seguinte: «Deve estar feliz sem mim, sem os gritos do Jack ou queixas. Deve ser o paraíso na terra.» Três dias depois fala-lhe de um sucesso escolar: «Andei hoje a cavalo e cavalguei a rédea solta e cavalgámos a meio galope.»

Tal como em Ascot, também agora, em Brighton, Churchill estava ansioso por que a mãe o fosse visitar. Uma boa oportunidade era a peça de teatro da escola. «Espero vê-la», escreveu em finais de janeiro, «e ficarei muito desapontado se não a vir, por isso venha.» Lady Randolph foi, levando Jack, de cinco anos. «Estavam muito felizes juntos», escreveu ela ao marido no dia seguinte, «e o Winny estava muito excitado, mas pareceu-me muito pálido e frágil. Que preocupação que é este rapaz.» A sua carta continua: «Disse-me que estava muito feliz, e penso que ele gosta da escola.»

O boletim desse período fala de «progressos muito satisfatórios». «Em Inglês, Francês e Estudos Clássicos, na aula dos dez anos, Churchill estava em quarto lugar. Em Comportamento, contudo, estava colocado em vigésimo nono lugar em vinte e nove. De regresso à escola depois das férias havia muitas coisas que recordavam a crescente fama de Lorde Randolph. «Fui andar a cavalo com um senhor», escreveu Churchill ao pai em maio, «que achava que o Gladstone é um estúpido e pensa que “aquele que tem o bigode encaracolado deveria ser o primeiro-ministro”». O condutor do elétrico que corre ao longo da marginal chegou a dizer que «aquele Lorde R. Churchill será primeiro-ministro».

Churchill estava a aprender a nadar, escreveu à mãe nesse mês, e a «progredir admiravelmente». Também gostava muito de andar a cavalo. Quanto ao estudo, «estou a fazer progressos em Francês e Latim, mas estou muito atrasado em Grego». Ele tinha contudo esperança de ir para a escola em Winchester, «por isso vou esforçar-me e trabalhar mais».

O rapaz de dez anos ficou excitado nesse verão quando leu um artigo acerca do pai no *Graphic*. Era, informou ele a mãe, «realmente muito bom». Tinha uma fotografia «do papá no escritório com todas as fotografias e o suporte do tinteiro». Seis dias depois, o governo liberal foi derrotado na Câmara dos Comuns e Gladstone demitiu-se. Foi formado um novo governo pelo líder conservador, Lorde Salisbury; o pai de Churchill foi nomeado ministro para a Índia.

O terceiro período de Churchill em Brighton terminou em julho. Embora em Comportamento fosse o último da sua classe, o trigésimo em trinta, a sua posição nos assuntos académicos era elevada. Era o primeiro de uma turma de nove alunos em Estudos Clássicos, e o terceiro em Francês. «Progressos muito acentuados durante o período», escreveu Charlotte Thomson. «Se ele continuar a melhorar em comportamento e empenho, como aconteceu neste período, terá realmente muito bons resultados.» Nesse verão, Churchill e o irmão passaram as férias em Cromer, no mar do Norte. Os pais passaram novamente férias noutra sítio. «Venham ver-nos depressa», escreveu Churchill à mãe em meados de agosto. Seis dias depois escreveu novamente: «Virá visitar-me?»

Lady Randolph não respondeu ao apelo do filho, mas contratou uma preceptora para lhe dar aulas durante as férias. Isso não lhe agradou de modo nenhum. «Não estou a divertir-me muito pois as lições limitam-me bastante», escreveu ele à mãe a 25 de agosto. Oito dias depois voltou a escrever: «O tempo está bom. Mas eu não estou a divertir-me muito. A preceptora é muito antipática, muito severa e rígida, não consigo divertir-me de modo nenhum.» A única consolação era que dentro em breve a mãe iria passar lá dez dias. «Nessa altura, contar-lhe-ei todos os meus problemas.» A doença tinha perturbado as férias. Primeiro, um exantema nas pernas tinha-o obrigado a andar numa carroça puxada por um burro. Mais recentemente, explicou ele, a sua disposição não tinha sido «das mais amistosas, mas eu penso que deve ser do fígado, uma vez que tive um ataque bilioso que me transtornou muito, a minha temperatura era de 37,8 em vez de ser 36,6 como é normal.»

De regresso a Brighton para o período de outono, Churchill leu no jornal local que o pai tinha feito um discurso na cidade. «Não consigo perceber porque é que não me veio ver, quando estive em Brighton», escreveu. «Fiquei muito desapontado, mas calculo que estivesse muito ocupado». Como ministro para a Índia, Lorde Randolph tinha autorizado uma expedição militar contra o rei Theebaw, da Birmânia, que, tendo desde há muito recusado parar os ataques aos comerciantes e aos navios mercantes britânicos, obrigara uma empresa comercial britânica a pagar uma multa alfandegária. No intervalo de dez dias, Mandalai tinha sido ocupada e o rei feito prisioneiro. O futuro da Birmânia teria agora de ser resolvido na sala do Gabinete, no N.º 10 de Downing Street. Lorde Randolph, escreveu mais tarde o filho, «era pela anexação simples e direta». Apesar das hesitações de Lorde Salisbury, prevaleceu o ponto de vista de Lorde Randolph; a 1 de janeiro de 1886, aquilo a que ele chamou «um presente de Ano Novo para a rainha», a Birmânia foi anexada ao Império Britânico.

O governo conservador foi derrotado nos Comuns a 26 de janeiro de 1886. As subsequentes eleições gerais, embora garantindo a Lorde Randolph um lugar no Parlamento, deram aos Nacionalistas Irlandeses o equilíbrio do poder em Westminster. Gladstone, colocando a bandeira liberal no mastro da Irish Home Rule [Projeto de Autonomia para a Irlanda], formou um Governo com o apoio dos nacionalistas irlandeses. Diz-se que o jovem Churchill, mais uma vez com dificuldades financeiras, comentou: «*Nós estamos fora do Governo, e eles economizam comigo.*»

Em março desse ano, uma pneumonia levou Churchill, então com onze anos, quase às portas da morte. A febre elevou-se a 40° C. Lady Randolph correu para Brighton, seguida pelo marido. «Eu estou no quarto ao lado», escreveu o Dr. Roose a Lorde Randolph na noite de domingo, 14 de março, «e vigiarei o doente durante a noite — porque estou preocupado.» À meia-noite desse domingo, a persistente febre elevada alarmou o médico, «o que indica exaustão», disse a Lorde Randolph às seis horas da manhã do dia seguinte. «Usei estimulantes, pela boca e pelo reto, daí resultando que às duas e um quarto da manhã a temperatura baixou de 38,3 para 37,8, graças a Deus!» Roose acrescentou: «Não irei a Londres trabalhar, fico aqui hoje com o rapaz.»

Por volta do meio-dia de segunda-feira, 15 de março, a febre de Churchill voltou a subir. «Estamos ainda a travar a batalha pelo seu rapaz», escreveu Roose a Lorde Randolph à uma da tarde. «Tem agora 39,4 de febre, mas está a alimentar-se *melhor* e não houve aumento de estragos no pulmão. Enquanto conseguir combater a febre e mantê-la abaixo dos 40,5 não me sentirei alarmado.» A crise persistiu, mas Roose estava confiante em que o perigo podia ser afastado. «Alimentação, estimulantes e vigilância apertada salvarão o seu rapaz», escreveu ele no boletim da uma hora da tarde, e acrescentou: «Estou confiante.»

Às onze horas da noite, Roose enviou a Lorde Randolph outra nota: «O seu rapaz, na minha opinião, na sua perigosa caminhada, está a aguentar-se muito bem!

A temperatura está nos 39,7, com o que estou satisfeito, pois previa 40! Não haverá causa imediata para alarme pelo menos nas próximas doze horas, assim, *por favor*, tenha uma boa noite, pois estamos armados em todos os pontos!» O perigo ainda não terminara. «Tivemos uma noite muito inquietante», relatou Roose na manhã seguinte, «mas conseguimos aguentar-nos.» O pulso do rapaz ainda mostrava «boa força, e tenho esperança de que o delírio termine e ocorra um sono natural». O pulmão esquerdo continuava sem ser afetado. Podiam contar com outras vinte e quatro horas de «situação crítica». Roose acrescentou um pós-escrito: «Fiz-lhe uma descrição dos factos, o seu rapaz está a lutar muito bem e eu acho que se Deus quiser ele recuperará.»

Na manhã de quarta-feira, 17 de março, Churchill ultrapassara o pior. «Winston teve *6 horas de sono tranquilo*», reportou Roose. «Já não delira. Temperatura: 37,2; pulso: 92; respiração: 28. Manda muitas saudades para si e para a sua mulher.» Churchill estava também ansioso por ver a Sr.^a Everest, que aguardava a primeira oportunidade para estar com ele. Contudo, o médico mostrou-se contrário. «Peço desculpa por incomodá-la com estas linhas», escreveu ele a Lady Randolph a 17 de março, «mas é para a convencer da absoluta necessidade de repouso e sono do Winston e que a Sr.^a Everest não deve ir hoje visitá-lo — até a excitação da alegria de a ver pode ser prejudicial! E eu temo muito uma recaída, pois sei que ainda não estamos totalmente livres de perigo.»

Ao saber que o pior já passara, a cunhada de Lady Randolph, Moreton Frewen, escreveu-lhe a 17 de março: «Coitado do Winny, espero que não fique com nenhum problema depois de passarem os efeitos da doença, mas mesmo que ela o deixe frágil ainda durante bastante tempo, vocês ainda o apreciarão mais depois de ele vos ter sido devolvido do verdadeiro limiar do desconhecido.»

Vagarosamente, o rapaz recuperou. O pai foi duas vezes a Brighton para o ver, uma em março, levando-lhe uvas, e novamente em abril, quando lhe levou uma máquina a vapor de brincar. Foi uma época de bastante controvérsia para Lorde Randolph. Gladstone tinha comprometido o Governo Liberal ao apresentar uma Home Rule Bill [Projeto de Lei de Autonomia], visando a criação de um Parlamento na Irlanda com poder para negociar todos os assuntos exclusivamente irlandeses. Todos os esforços de Lorde Randolph se destinavam a atacar e a impedir o projeto de lei, realçando o mal-estar dos protestantes irlandeses perante aquilo que seria uma administração predominantemente católica. A 8 de maio, *The Times* publicou uma carta que ele escrevera a um membro do Partido Liberal em Glasgow, na qual Lorde Randolph declarava que se o Governo Liberal viesse a impor o Projeto de Autonomia aos protestantes da Irlanda, «O Ulster lutará; o Ulster terá razão.» Esta frase tornou-se a palavra de ordem dos protestantes no Norte.

Em julho, Churchill já se encontrava suficientemente bom para poder regressar à escola. Estava muito excitado com as próximas eleições gerais. «Espero que os conservadores ganhem», escreveu ele à mãe, «acha que sim?» O pai tinha já enfrentado os eleitores, a 2 de julho. «Estou muito contente por o papá ter ganho por South Paddington, por tão grande maioria. Eu acho que foi uma vitória!» Lorde Randolph